FILMES QUE AMO
Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA-FEIRA 20 DE JULHO 2020 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (n.º 32) – (entrada livre)

E.T. – O Extraterrestre
Título original: "E.T. the Extra-Terrestrial"
Realização: Steven Spielberg (EUA, 1982)

CINEMA FANTÁSTICO E MEIAS-NOITES FANTÁSTICAS

O cinema fantástico assume várias vertentes e, durante muito tempo, este lado mágico do cinema gozou de uma franca adesão por parte do grande público. Logo desde Méliès, desde as primeiras sessões de cinema, ainda antes do dealbar do século XX. Mas fantástico é o filme de terror ou a ficção científica, o filme onírico ou o puramente fantástico. De "Drácula" ou "Frankenstein" a "O Planeta Perdido" ou "2001: Odisseia no Espaço", de "A Bela e o Monstro" a "O Ano Passado em Marienbad", tudo é fantástico, basta que não jogue com elementos reconhecidamente "realistas" (discussão que nos levaria muito longe, mas que iremos abandonar por agora).

A verdade é que mesmo nalgumas subcategorias, como o terror, há filmes muito diferentes e que assumem características muito próprias. Os filmes de terror da Universal, dos anos 30, pouco têm a ver com as obras saídas dos estúdios da Hammer, nos anos 50 e 60, apesar de adaptarem os mesmos clássicos da literatura fantástica. E o terror desses tempos é muito diferente do "gore" mais recente. Do mais recente, passo bem sem ele. Matadores não fazem o meu género.

Quando, em 1969, fui convidado pelo tenente coronel Luís Silva para dirigir a programação do Estúdio Apolo 70, imaginei várias experiências nunca tentadas em Portugal. Novos horários de sessões, uma programação diversificada, um programa a ser distribuído gratuitamente entre os espetadores, que se aproximava dos fornecidos nas sessões de cine clube, e sessões à meia-noite. Havia visto tanto em Paris como em Londres algumas sessões com início às 24 horas, que eram preenchidas com filmes fantásticos ou com filmes classificados de XXX (pornográficos, explícitos, para maiores de 18 anos). Estes últimos não tinham existência legal em Portugal, nessa altura, nem sequer eram (no mínimo) prioridade para uma sala estúdio. Mas os filmes fantásticos eram muito do meu agrado, e consegui entusiasmar a administração da Lusomundo em explorar, pela primeira vez, esse horário. Como a inauguração do Estúdio Apolo 70 se atrasou um pouco, e só abriria as suas portas a 26 de maio de 1971, fez-se uma experiência no antigo cinema Vox (onde surgiu tempos depois o King Triplex, por causa das três salas, e depois conhecido apenas por King; de tudo isso já se apagou o rasto, ficando apenas a memória). Deverá ter sido em finais de 1970 ou inícios de 71, a data não consigo recordar, mas o filme sim: "Frankenstein criou a Mulher", de Terence Fisher.

Feita a publicidade à iniciativa, esperava-se ansiosamente pelos resultados. Nessa noite fui ao São Jorge assistir a uma estreia (era então crítico no "Diário de Lisboa") e, findo o filme, apanhei um táxi para o Vox. Ao chegar à Praça de Londres, o trânsito era diabólico, muito perto da meia-noite. Ao entrar na Avenida de Roma, não se circulava. O engarrafamento era total. Chegado à Avenida Frei Miguel Contreiras e ao cinema, não se transitava: a sala estava esgotada e havia afluência para mais três ou quatro sessões. Não esquecer que o Vox, nessa altura, era uma única sala com lotação para 604 espetadores. Calcula-se o que terá sido esta inusitada corrida à bilheteira. Parecia a entrada para um jogo de futebol, um derby.

Julgo que se fizeram mais uma ou duas sessões, improvisadas na hora, com início às duas e às quatro horas da madrugada. Um sucesso que se iria manter ao longo de vários anos. Pouco depois, abriria o Estúdio Apolo 70, que mantinha uma programação diária diferenciada, mas sempre com sessões à meia-noite, todos os dias da semana. A Meia-Noite Fantástica era à sexta-feira ou ao sábado, mas, nos restantes dias da semana, havia noites de western,

policial, clássicos, comédia, etc. Muitos outros cinemas da capital, e de outras cidades do país, aderiram à moda que se manteve até meados dos anos 80. Depois, as salas continuaram com sessões à meia-noite, sobretudo ao fim de semana, mas prolongando com mais uma sessão a projeção do filme em estreia. O aparecimento do vídeo tornou possível ter acesso a filmes antigos noutras condições, os canais de televisão fizeram uma concorrência tremenda, pois começou a ser hábito transmitir filmes depois da meia-noite, e as ditas Sessões da Meia-Noite (algumas já com XXX, depois de 1974) passaram à história. Uma história bonita e exaltante. Foram belos tempos e muitos filmes antes de pregar o olho para adormecer.

E.T. – O EXTRATERRESTRE (1982)

O texto que se segue foi escrito aquando da estreia de "E.T." em Portugal (1982) e publicado na revista "Opção", onde eu então também colaborava. Escolhi-o para publicar aqui, para manter uma certa genuinidade e espontaneidade de escrita e de avaliação. Aqui fica:

Se o leitor é um apaixonado por ficção científica, ou mesmo uma pessoa interessada no fantástico, sobretudo no campo do cinema, sabe seguramente que muitos são os exemplos de obras que referem o envio de homens para planetas longínquos, onde ficam à mercê do desconhecido e das condições adversas que aí encontram. O suspense nessas ocasiões é sustentado precisamente com base nessas premissas, desenvolvidas com maior ou menor habilidade: saber até que ponto o homem consegue sobreviver e voltar são e salvo à sua terra-mãe.

Mas há um outro tipo de obras que exploram situações totalmente inversas: estranhos habitantes de planetas ignorados descem sobre a Terra e aí provocam o terror e o caos. Basta recordar a "Guerra dos Mundos", de H. G. Wells, nas suas diversas versões cinematográficas, ou lembrar a remake de John Carpenter de "The Thing" ("Veio do Outro Mundo"). Aqui, em lugar de serem os homens a saltar para outros mundos, são esses outros mundos a enviarem emissários até ao nosso planeta. No primeiro caso, os terrestres sobre o solo desconhecido de outros planetas são chamados cientistas, investigadores, astronautas e demais designações que sublinham o lado humanitarista e cientista da expedição. Quando se trata de seres vindos do espaço exterior, estes são normalmente vistos como invasores, "coisas", exércitos de intenções bélicas óbvias. No caso de "Encontros Imediatos do Terceiro Grau", esse olhar transforma-se radicalmente, apresentando-nos seres pacíficos que tudo indica estarem longe de pretenderem, por exemplo, ocupar a Terra. Uma visão pacífica do universo, que, no entanto, encontra já alguns antepassados ilustres, mesmo no campo do cinema. Lembramo-nos, por exemplo, de um belíssimo filme de Robert Wise, "No Dia em Que a Terra Parou", que, todavia, se serve dos extraterrestres para falar dos homens. De tal maneira se pretendia assim que o enviado extraterrestre tinha mesmo a aparência de um homem. Conversa entre homens, portanto, por entreposto extraterrestre.

Pense agora o leitor num filme que, partindo desta situação típica (chegada de extraterrestres à Terra), o faça de uma forma totalmente nova. Isto é: em lugar de ser um homem a ficar perdido num ambiente adverso e desconhecido, é um E.T. que fica perdido na Terra, onde tudo lhe é alheio e estranho. A sua nave teve de partir precipitadamente, deixando-o perdido na floresta, tal como acontecia com "Bambi". A presença da nave alerta até as autoridades da Terra, que se lançam na caçada do "invasor". Autoridades de que o filme só apresenta botas e feixes de luz, pneus de carros e holofotes, armas e pesados chaveiros pendentes da cintura. Para esse pequeno E.T., perdido na vegetação que o cobre (encobre e descobre), este cenário é de terror autêntico e, assim, temos os dados dos problemas totalmente invertidos. Os agressores são humanos, apesar de se encontrarem em sua própria casa, e a vítima é o E.T., muito embora ele seja a visita.

Um dos méritos desta obra de Spielberg é essa inversão de valores; outro, e não menor, é o de ter tornado plausível, ao nível da realização, esse sentimento de terror que o E.T. sente. Para o conseguir, teve de identificar o E.T. com o espetador, transformando os homens em agressores. Para que tudo seja ainda mais difícil, este E.T. que Spielberg nos apresenta não é, à partida, na sua aparência estranha, um ser por que se possa sentir de imediato amor. Ele tem de conquistar a nossa simpatia. O que consegue admiravelmente, não só pelas circunstâncias em que se encontra, mas também pelas reações que sente (e de que

faz participar os espetadores), como ainda pela astuciosa identificação com uma criança que o adota.

Assim se chega a uma situação nova nos domínios da ficção científica, mérito que mais uma vez se tem de atribuir a Steven Spielberg, jovem turco do cinema americano, que, nessa altura, com apenas 34 anos e meia dúzia de títulos no ativo, se transformou no maior detentor de recordes de público de que há memória.

Dos oito títulos da sua obra até esse ano, cinco situam-se entre os maiores êxitos de bilheteira de todos os tempos.

Com oito filmes, dos quais apenas um se pode considerar um mau empate de capital em termos de rentabilidade (apenas "1941" ficou aquém do que seria de esperar; todos os outros ultrapassaram largamente as perspetivas mais animadoras), Steven Spielberg tem ainda outros curiosos recordes pessoais. São seus o maior êxito de sempre da Universal ("Tubarão"), o maior êxito de sempre da Columbia ("Encontros Imediatos"), o maior êxito de sempre da Paramount ("Os Salteadores da Arca Perdida"), apenas deixando para o seu amigo e colega de geração o maior êxito de sempre da Fox ("A Guerra das Estrelas"). Não falando da MGM, onde tentava destronar "E Tudo o Vento Levou" com "Poltergeist", da mesma forma que pretende ultrapassar-se na Universal (procurando bater "Jaws" com "E.T.").

Perante estes resultados, Steven Spielberg pode bem dizer-se um menino a quem tudo é permitido, mas a verdade é que muito do que conseguiu até hoje foi fruto da perseverança e trabalho aturado, não falando de um imenso talento e uma apetência especial pelo espetáculo, a aventura, o fantástico reino da fantasia e do impossível. A razão para o êxito dos seus filmes é fácil, segundo as suas próprias palavras: ele procura fazer os filmes que gostaria de ver. Digamos que os seus gostos coincidem com os da grande maioria dos espetadores espalhados pelo mundo, ou, então, que ele sabe tornar apetecíveis os espetáculos de que o próprio gosta. Mais ainda, que possui o engenho suficiente para tornar realidade os seus sonhos e os sonhos das plateias suas contemporâneas.

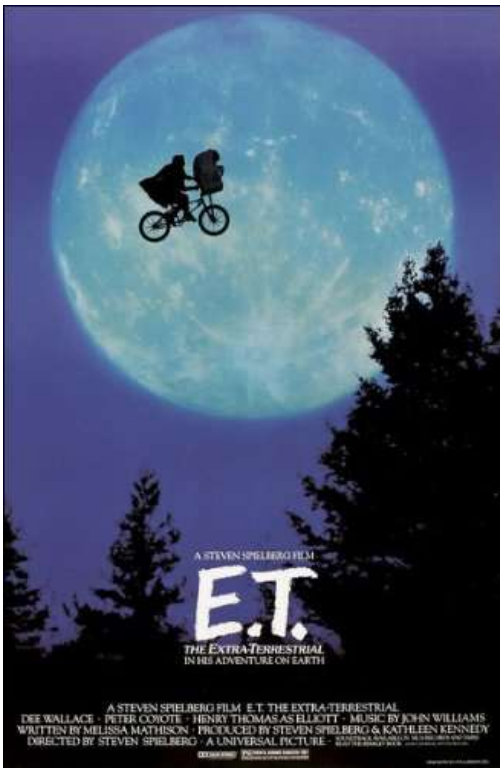
Voltando a falar de cifras, de que não nos podemos afastar muito quando falamos de cinema americano e da sua penetração em mercados mundiais, a Time de fins de maio de 82 dizia que, até essa altura, "Jaws" dera de lucro mais de 410 milhões de dólares; "Encontros Imediatos", mais de 250 milhões; "Os Salteadores da Arca Perdida", mais de 310 milhões, continuando ainda em cartaz em muitas localidades da América e do mundo. Na primeira semana de E.T., todos os recordes americanos de afluência foram batidos de forma fulminante, augurando-se para este filme uma carreira de percurso indescritível.

"Poltergeist" e "E.T.", que surgiram mais ou menos ao mesmo tempo, são dois filmes abertamente de autor, duas histórias que giram em redor de famílias nitidamente americanas, que são surpreendidas por fenómenos estranhos e desconhecidos. No primeiro caso, são os fantasmas que vêm pela televisão vingar o seu alterado sossego; no segundo, um desamparado extraterrestre que procura regressar a casa, e se perde de amores por umas adoráveis crianças que o adotam durante o seu exílio forçado na Terra. "Poltergeist" é, digamos, a versão pesadelo do belo sonho que é "E.T." ou, se se preferir, são ambas o verso e o reverso de uma mesma realidade: o desconhecido que nos espera para lá do alcance dos nossos conhecimentos habituais. Mas, numa perspetiva muito cara a Spielberg, em ambos os casos, quer se trate de uma ameaça perigosa, quer de uma terna presença, o comportamento do núcleo central das suas histórias é sintomático: nunca agredir o desconhecido, tratando-o por inimigo; antes, procurar compreender o que se não compreende, o que fica além do nosso entendimento.

Em "Poltergeist" esses "fantasmas brincalhões" chegam-nos pela televisão. Spielberg (através dos seus personagens) vai ao ponto de recusar a ajuda das autoridades tradicionais, para procurar auxílio junto de autoridades marginais ao sistema, os parapsicólogos. Em "E.T." essas mesmas autoridades não deixam de estar presentes, mas comportam-se mais como agressores do que como defensores do que quer que seja. São elas afinal que acabam por invadir a casa de Elliot e de sua família, levando a própria mãe a protestar, afirmando que aquela "é a sua casa, que eles não podem violar daquela forma".

Cineasta de emoção, Spielberg é igualmente um cineasta de humor e ambos os filmes o refletem admiravelmente. Mas as constantes deste autor são várias, definindo harmoniosamente uma obra coerente no seu todo, profundamente influenciado pelo cinema clássico americano, pelo gosto pelo espetáculo, pela aventura, pelo risco do desconhecido. Cineasta que trabalha a luz como poucos o têm conseguido, cineasta de um perfecionismo

técnico quase exasperante, cineasta da fraternidade universal e do calor que se desprende das suas personagens, quer elas sejam normais chefes de família, mães em crise de matrimónio, crianças ou E.T.s para Spielberg, o cinema é uma fábrica de sonhos que ele aproveita o melhor que pode para consubstanciar os seus próprios sonhos e pesadelos, o seu temor e a sua ternura, sempre com um nível de qualidade e rigor exemplares. Com Spielberg, o cinema regressa à pureza de Méliès, agora apetrechado com todos os trunfos da mais sofisticada tecnologia moderna. O cinema descobre-se, portanto, descobrindo-nos.



E.T. - O Extra-Terrestre
Título original: E.T. the Extra-Terrestrial
Realização: Steven Spielberg (EUA, 1982);
Argumento: Melissa Mathison; Produção: Kathleen Kennedy, Melissa Mathison, Steven Spielberg; Música: John Williams; Fotografia (cor): Allen Daviau; Montagem: Carol Littleton; Guarda-roupa: Deborah Scott Casting: Jane Feinberg, Mike Fenton, Marci Liroff; Design de produção: James D. Bissell; Decoração: Jackie Carr; Maquilhagem: Lola 'Skip' McNalley, Robert Sidell, Jim Gillespie; Direcção de Produção: Martin Cohen, Frank Marshall, Wallace Worsley Jr.; Assistentes de realização: Daniel Attias, Katy Emde, John Flynn, Glenn Randall Jr., Jerram A. Swartz; Efeitos especiais: Leslie Butcher, Ernest Depew, Craig Reardon, William James Teegarden, etc. Som: Gene Cantamesa, Buzz Knudson, Robert Glass e Don Digirolamo; Efeitos Especiais: Mike McAlister, Dennis Muren, Mitchell Suskin, Dale Martin, Carlo Rambaldi e Steve Townsend; Companhias de produção: Universal Pictures, Amblin Entertainment; **Intérpretes:** Dee Wallace (Mary), Henry Thomas (Elliott), Peter Coyote (Keys), Robert MacNaughton (Michael), Drew Barrymore (Gertie), K. C. Martel (Greg), Sean Frye (Dteve), C. Thomas Howell (Tyler), Erika Eleniak (a rapariga bonita), David O´ Dell (o aluno), Richard Swingler (o professor de ciências), Frank Toth (o polícia), Robert Barton (o técnico de ultrassom), Michael Darrell (o homem da camioneta), david Berkson, David Carlberg, Milt Kogan, Alexander Lampone, Rhoda Makoff, Robert Murphy, Richard Pesavento, Tom Sherry, Susan Cameron, Will Fowler Jr., Barbara Harnett, Di Ann Lampone, Mary Stein e Michell Suskin (membros da equipa médica), Pat Welsh (voz de E.T.), Debra Winger (enfermeira zombie), etc. **Duração:** 115 minutos; Distribuição em Portugal: Lusomundo Filmes; Blu-Ray: Universal; Classificação etária: M/ 6 anos; Data de estreia em Portugal: 17 de dezembro de 1982.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL| SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JULHO DE 2020
MASTERCLASS: FILMES QUE AMO (n.º 33) 21H00 (entrada livre)

Nome do Filme: AS EXTRAORDINÁRIAS AVENTURAS DE MR. WEST NO PAÍS DOS BOLCHEVIQUES
Título Original: "Neobychainye priklyucheniya mistera Vesta v strane bolshevikov
Realização: Lev Kuleshov (URSS, 1924) - Duração: 94 minutos | M/12 anos